



Revista
escrito&descrito
No. 4, Vol. I, 2025.

ANDAR COM FÉ
ISSN 3085-9433

REVISTA ESCRITO & DESCRITO

A revista Escrito & Descrito é uma revista independente do Agreste pernambucano que publica artistas visuais e escritores de todo o Brasil. O propósito da revista é publicar artistas independentes, majoritariamente, LGBTQIAPN+, pessoas negras, pardas ou indígenas, pessoas com deficiência, estudantes, e/ou pessoas de baixa renda, principalmente residentes da região Nordeste.

A revista aceita artes visuais inovadoras e poemas curtos que explorem narrativas e filosofias que fazem parte da cultura, cotidiano e composição social brasileira. As publicações são de acesso livre e aberto por meio do nosso site e disponibilizadas em drive para os leitores fazerem o download do material.

A linha editorial da revista é destinada a tornar o espaço artístico-literário mais coletivo e democrático. Priorizando trabalhos que conversem com a atualidade e com a estética da revista, voltados à inclusão, à diversidade e ao amor pela arte contemporânea brasileira.

Realizador: Matheus Fernando (Mathenovê)
Endereço: Bairro Kennedy, Caruaru, Pernambuco
Idioma: Português
Nível de conteúdo: Divulgação
Tipo de suporte físico: On-line
Periodicidade: Trimestral
ISSN (eletrônico): 3085-9433
Site: revistaescritodescrito.com

EXPEDIENTE

Editor-chefe Matheus Fernando (Mathenovê)
Editor adjunto Joebson José da Silva
Curadoria Matheus Fernando (Mathenovê)
Conselho e revisão Mariana de Lima Silva
Comunicação Artemires Tainá
Arte (segundo ato) Adaptado de O guardião (2024), Ana Valente

contatos

E-mail | revistaescritodescrito@gmail.com
(81)99455-9247
@revistaescritodescrito

REVISTA

Editorial No. 4, Vol. 1

ESCRITO
DESCRITO &

APRESENTAMOS

ANDAR

COM FÉ

*“Mesmo a quem não tem fé
A fé costuma acompanhar*

[Pelo sim, pelo não]

*Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faía”*

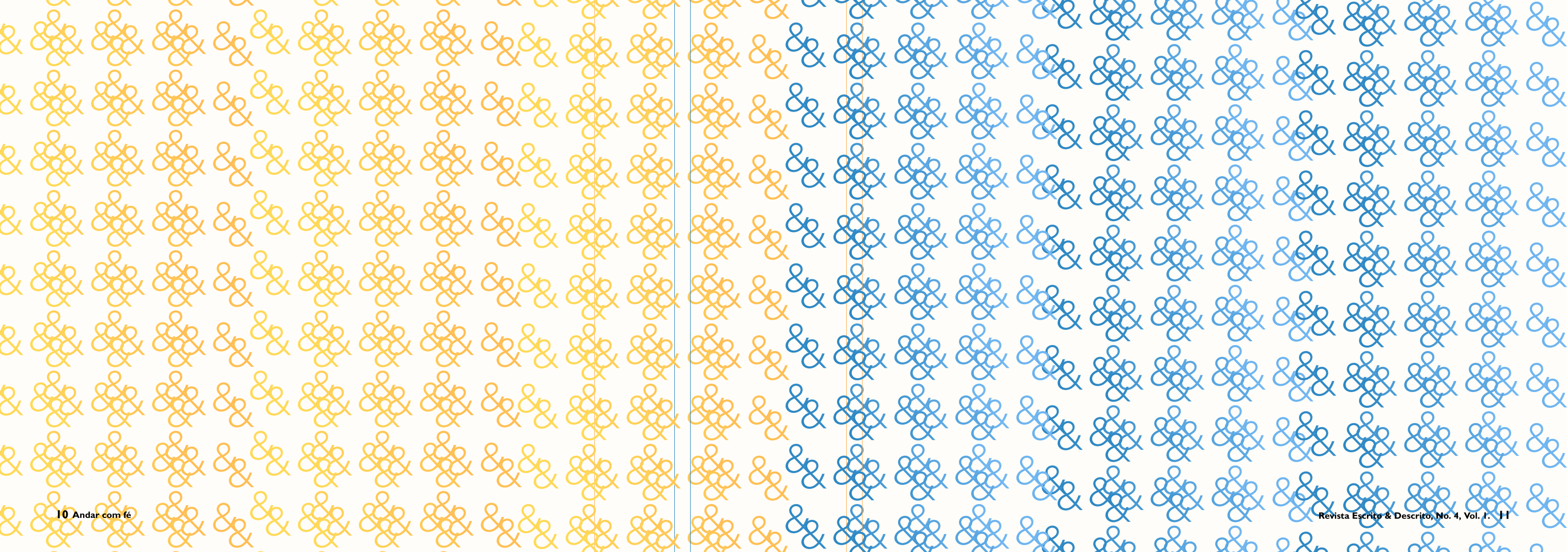


ARTISTAS VISUAIS

- 14 **Diego Dionísio (RN)**
- 16 **Guilherme Borba (PE)**
- 18 **Marcelo Costa (MT)**
- 20 **Blecaute (CE)**
- 22 **Orun (SP)**
- 24 **Hannah Farias (BA)**
- 26 **Lua Oliveira (AL)**
- 28 **Vitor Oliveira (PE)**
- 30 **Ana Valente (SP)**

ESCRITORES

- 34 **Matheus Miller (SE)**
 - 36 **Maria Kaxinawá (AM)**
 - 38 **Mirella Ferreira (BA)**
 - 40 **Fabiane Marques (RN)**
 - 41 **Ana Neves (PE)**
 - 42 **Priscila Branco (RJ)**
 - 43 **Joelma Vasconcelos (SP)**
 - 44 **Brenda Andujas (SC)**
 - 45 **Márcio Ketner Sguassabia (SP)**
- 



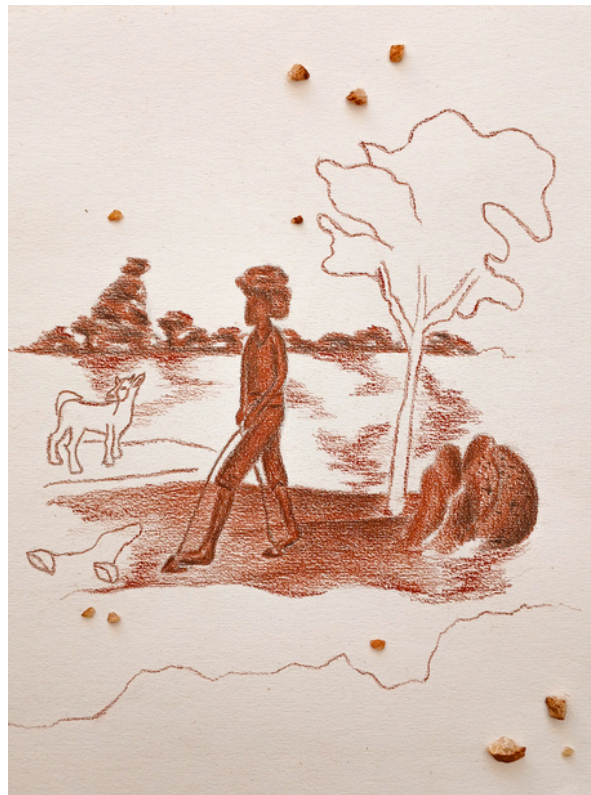
p r i m e i r o a t o

a r t e s v i s u a i s

ANDAR SEMPRE

DIEGO DIONÍSIO

Sua pesquisa concentra-se nas poéticas visuais voltadas para práticas multidisciplinares e propositoras. Procura traçar caminhos de aproximação multiespécie, buscando refletir sobre as relações entre corpo, floresta, parentesco e sociedade na era do Antropoceno.



Entre a quebra e o respiro, 2024.
Técnica mista. Carvão e rochas em papel Canson 200. 27x30cm



GUILHERME **BORBA**

Poeta e Artista Plástico. Autodidata, mora e trabalha em Palmares, Zona da mata Sul pernambucana, possui uma tríade em seu trabalho: o corpo, a cidade e a liberdade em seus desdobramentos políticos, culturais, sociais, eróticos e místicos.



Oito de Dezembro, 2021.

Acrílico sobre tela, 50x40cm.

MARCELO COSTA

Marcelo Costa é colagista, produtor cultural e estudante de História na UFMT. Coordena o Coletivo JuMtos, no qual atua como Editor-Chefe da Revista JuMtos, fortalecendo o protagonismo juvenil e LGBTQIAPN+ no estado de Mato Grosso. Desde 2021, realiza ações culturais, oficinas, exposições e eventos, sendo os mais recentes a Exposição "Tô No Quadro" e a Batalha de Rima "Pulo na Bala".



Teatro da vida, 2025
colagem analógica, 21 cm x 30 cm.



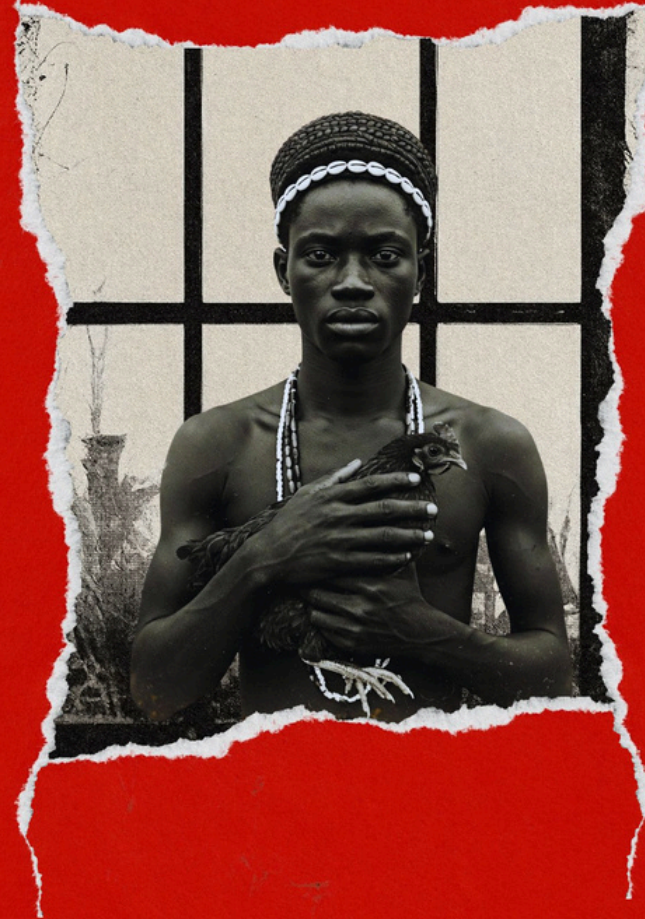
Tipo Daniel, liderei sem medo, 2025.
Óleo sobre tela, 30x20cm.

BLECAUTE

Blecaute, 24, é estudante de Filosofia na UECE e concretiza suas subjetividades enquanto negro e periférico através das artes visuais.

ORUN

Artista visual e pesquisadora do laboratório ORUN, onde desenvolve colagens digitais que investigam memória, corpo e futuro a partir de referenciais afrofuturistas e decoloniais. Sua produção articula experimentações visuais e reflexão crítica sobre experiências pretas e territórios periféricos. Atua também como produtora cultural e fundadora do Coletivo INÁ.



Mensagem da meia noite, 2025
Colagem digital, 42 x 29,7 cm.

HANNAH FARIAS

É estudante de Artes com área de concentração em Escrita Criativa (UFBA/IHAC). Ilustradora, pintora e colagista, Hannah é nascida e criada na Cidade Baixa de Salvador e por ter crescido próximo ao mar, sobre um antigo aterro do mangue na Península de Itapagipe, sua poética tende a ser norteadas através de suas memórias em torno das paisagens aquíferas de Salvador e da denúncia contra uma política sistêmica contra as águas que banham a Baía de Todos os Santos. Assim, suas obras apresentam iconografias e figuras da religião de matriz africana, geralmente representando o povo das águas e suas conexões com o território soteropolitano.



Valente, 2025.
Guache sobre papel, 29,7cm x 42cm.



**Barraca das Ervas, Fé e Esperança
(Feira de Caruaru-PE), 2025.**

Ilustração digital, 1984 x 2806 px.

LUA OLIVEIRA

Designer e historiadora alagoana. Cria narrativas visuais inspiradas na cultura popular, na estética periférica e nos territórios nordestinos. Atua em projetos que integram arte, educação e sustentabilidade, unindo design, memória e práticas comunitárias.

VITOR OLIVEIRA

Nascido e criado na cidade do Recife, Vitor Oliveira é fotógrafo autodidata e jornalista formado pela UFPE. Assim como a metrópole é formada por pontes, enxerga a fotografia como essa ligação entre o real e o imaterial, o visível e o invisível aos olhos.



Força Indomável, 2025.
Fotografia digital, 3382 X 5073.

ANA VALENTE

É diretora audiovisual, escritora e boxeadora. Como artista, investiga e experimenta artes visuais e textuais dentro dos temas diferenças, deslocamentos e fronteiras -- tanto físicas, quanto corporais ou abstratas. Como indígena em retomada, busca construir sua cosmovisão tendo habitado tantos mundos à procura do seu próprio.



O Guardião, 2024.
Fotografia digital, 3.243 x 2.426.

s e g u n d o a t o

p o e m a s c u r t o s

COM FÉ

ANTÍPODA FÉ

Antípoda fé
Descortina o épico teatral
A um lugar nas coxias?
Cujas cortinas de Brecht
Peças cênicas e meias parábolas.
(efeito de distanciamento)
Aprecio tudo isso...
Bambolinas e pernas e
rotundas partes mordidas.
Dos tratados anticlímax;
Antichamas;
Sem dúvida, antimaterial.

Oh, antípoda fé
Tal descanso,
Surradas alças
Além dos bandôs de madeira.
Assim, mantenho as partes daquela arquitetura-
veludo-alvinegra...
Cenas têxteis do próximo que vier.

Matheus Miller, nascido em Aracaju, estado de Sergipe, em 1993, brasileiro e nordestino. Formou-se em Psicologia e é ecossocialista. Começou a escrever poesia há um tempo consideravelmente curto. Atualmente, tem seu primeiro livro em pré-lançamento pela Caravana Editorial e tem participado de diversas antologias e coletâneas poéticas, entre as quais se destacam: 'Contos em Miniatura' (Editora Comala) e 'Poesia BR 9ª' (Editora Versiprosa).



QUANDO O RIO SONHOU COMIGO

Dizem que eu não nasci: fui sonhada por um rio em fúria.
Ele abriu os olhos e criou o mundo em dilúvio.
Das suas veias brotaram árvores, e das minhas, lembranças de um tempo úmido.

O rio me ensinou a escutar o vento,
a entender a língua secreta das folhas,
e o silêncio das pedras molhadas.

Hoje ele me chama em febre —
diz que o céu perdeu o costume de chover,
diz que os peixes esqueceram o caminho da água,
diz que a humanidade dorme enquanto a floresta sangra.

Eu o escuto, mãe e espelho,
chamando meu nome antigo, sussurrando histórias de antes do homem.

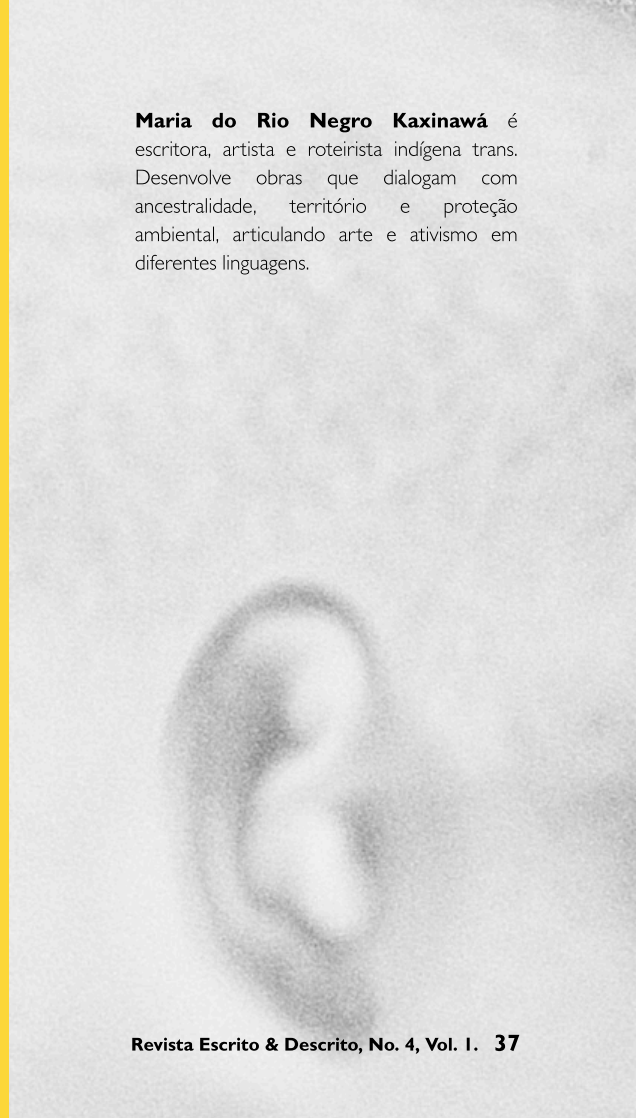
Sou filha do seu cansaço
e guardiã do seu respiro.

Quando danço sobre a lama,
as cobras e os botos se curvam,
o vento canta em meu cabelo,
e a chuva ensaia seu retorno.

Se o rio morrer, eu durmo.
Mas se eu sonho, o rio volta a nascer.

O mundo é feito de instantes líquidos,
e eu sou o instante em que a água se lembra de si mesma.

Maria do Rio Negro Kaxinawá é escritora, artista e roteirista indígena trans. Desenvolve obras que dialogam com ancestralidade, território e proteção ambiental, articulando arte e ativismo em diferentes linguagens.



TRAVESSA CAPITÃO ARISTEU

volto a habitar a casa
e seus espíritos entram em harmonia


tudo acontece de forma natural
como se a casa não estivesse morta
nem meu pai

a tinta ainda é branca
e há um pouco de verde ao redor
a vista do alto continua a mesma
mas o mar não se mostra

passo por pessoas que eu já vi e que eu não vi
percorro caminhos entre as travessas que desembocam em
lugares que eu só visito quando não estou consciente

depois de 30 anos, minha mãe sobe as escadas
a casa permite que ela finalmente entre e tome
um banho
o espírito de minha avó perdoa e dá passagem
a vida volta, a luz é amarela
meu pai prepara uma comida na panela amassada
o salitre embaça a janela da cozinha
o chão vermelho ganha outros tons de tempo

eu não vejo os móveis da casa.



Mirella Ferreira (Salvador, BA, 1991) é poeta, escritora e curadora. Licenciada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atua na interseção entre arte, literatura e filosofia da ancestralidade.

PRIMEIRA REZA

aprendi o pai nosso antes do meu nome
desembarcei o rosário antes do meu cabelo

mas
não foi o pai nosso que estás no céus
a minha primeira reza
não foi a ave maria cheia das graças
a minha primeira mãe
não foi o credo
a minha primeira remissão

foi quando criança
um côncavo sol
cabaça de luz
me encheu
de mar
os olhos.



Fabiane Marques é poeta negra potiguar, autora do livro "Rastros d'água" (2023) e das zines "Colo Ancestral" (2021) e "Gripir" (2024), além de ser mestranda em Letras - Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela UFPB. Leitora ávida, cresceu lendo com os ouvidos.

TEZETA, TEREZA! ATÉ PARECE QUE A GENTE NÃO IA VINGAR.

Ao dia de plantar
Que exige do solo um preparo
Tenho dado devoção.
À noite acendo velas
Para que vinguem minhas sementes
E em madrugada
Suplico para que brotem.
Duvidar é minha espera
O chão minha certeza
E o fruto minha grande vingança
Tendo a esperá-lo como um bicho
Que mastiga a fome
Afim de que cesse essa necessidade
Que cresce em meu corpo.
Comê-lo verde faz de mim um fraco.
Têca, a pressa é inimiga de tudo
Mas a calma também não é amiga de ninguém.



Ana Neves é multiartista pernambucana, desenvolve pintura, escrita e práticas processuais que dialogam com espiritualidade, memória, deslocamento e a relação entre intimidade e território. Sua obra integra exposições no Brasil e no exterior, articulando figurações híbridas, rituais e fabulações visuais.



Priscila Branco é escritora, editora, pesquisadora e curadora literária. Tem poemas publicados em revistas nacionais e internacionais. Atualmente, atua como analista de literatura no Sesc Nacional. É autora e ilustradora dos livros de poesia Açúcar e Desenterrar os ossos.

JOGO DO BICHO

Fé é umas das coisas mais lindas
inventadas pela humanidade.
Na falta de igrejinhas
suficientes e farmácias,
acredito no Severino.

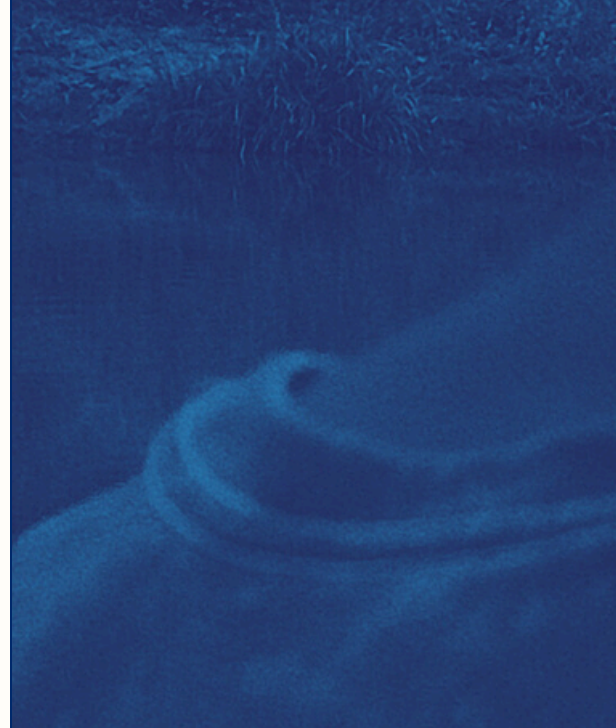
Sem ganhar um tostão,
tenho certeza:
comprarei uma casa
com piscina e passaporte
de volta da morte
para meu avô, minha avó e minha mãe.

UNGUENTO

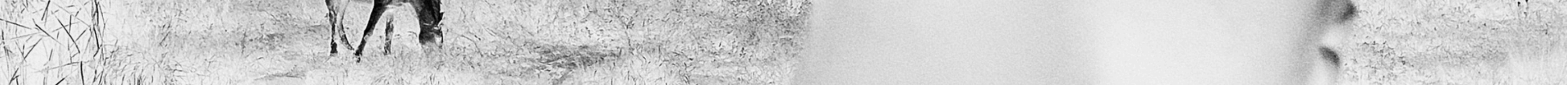
as mãos da curandeira
coroam a sua cabeça
de folhado ornamento

cada anel, conta ou pulseira
são parte fundamental
de um real sacramento

enquanto houver benzedeiças
as feridas do mundo
serão unguentadas por dentro



Joelma Vasconcelos (1992) é poeta, professora e escritora nascida em Paulo Afonso (BA) e criada em Osasco (SP). Viveu e estudou em Moçambique em 2023. Participou do Cursos Livre de Preparação de Escritores (CLIFE) e publicou seu primeiro livro de poemas O Maior Órgão do Corpo Humano em 2024.



PASSEIO DE MOTO

acelerando o risco a queda o
susto a garupa o abraço ventania
é fortaleza

Brenda Andujas nasceu em Maringá (PR) e vive em Florianópolis (SC). Doutoranda em Sociologia e Ciência Política na UFSC, tem construído sua trajetória e formação literária e poética de forma livre, em oficinas e encontros com poetas da contemporaneidade

EXERCÍCIO DE FÉ

pra cada santo sobre a cômoda
meu avô ofertava cem pedaladas
na bicicleta ergométrica

Márcio Ketner Sguassábia é poeta, autor de “sob o sono dos séculos” (Laranja Original), “o idioma da memória” (Laranja Original) e “pedrangulares” (poeCia), além de colunista da revista literária O Odisseu. Desde 2020, leciona literatura no Cursinho Popular da UFTM, onde estuda.

